

Relações Pais/Filhos como Variável Mediadora do Desempenho Escolar

Mauro Filipe Paulino¹

Resumo

O presente artigo é resultado de um trabalho universitário, cujo âmago é o estudo das *Relações pais/filhos como variável mediadora do desempenho escolar*. Intimamente ligada à noção de saúde (especialmente psicológica), as relações pais/filhos são moldadas pelos estilos de educação dominantes no seio familiar, providenciando (ou não) uma nutrição psicológica facilitadora de crescimento em diversas esferas da vida dos educandos, nas quais se insere o desempenho escolar. Ao longo da viagem bibliográfica é dado especial enfoque aos autores Augusto Cury e Thomas Gordon.

Palavras-Chaves: Relações pais/filhos; Desempenho escolar; Saúde; Estilos de Educação; Nutrição Psicológica.

Abstract

The present article is a result of an academic work, whose goal is the study of the *Parental Relations as changeable mediator of the school performance*. Deeply related with the notion of health (especially psychological), the parental relations are shaped by the dominant styles of education in the family, providing (or not) a psychological nutrition which helps the growth in diverse spheres of the life of children, namely the school performance. Through the bibliographical trip it is given a special approach to the thoughts of August Cury and Thomas Gordon.

Key-Words: Parental Relations; School Performance; Health; Styles of education; Psychological nutrition

¹ Aluno do 4º Ano do Curso de Licenciatura em Psicologia da UAL.

Introdução

A título introdutório, o artigo em causa coloca o enfoque no estudo das *Relações pais/filhos como variável mediadora do desempenho escolar*, e é corolário de um trabalho curricular desenvolvido no âmbito da cadeira de psicologia organizacional da saúde.

A psicologia organizacional da saúde apologiza a existências de dois caminhos, nomeadamente, o da promoção da saúde e a prevenção da doença. A exploração desta temática decide trilhar o primeiro caminho, na medida em que almeja promover as relações pais/filhos como factor relevante para a saúde psicológica dos filhos e consequente sucesso escolar.

Após uma fase introdutória que se clarifica a noção de saúde e os seus três domínios, o trabalho começa a organizar-se em torno de dois grandes campos. Um primeiro campo, de índole mais teórica em que é possível ao leitor tomar conhecimento de várias reflexões oriundas de diversos autores sobre a importância das relações parentais, em que se destacam nomes como os de Augusto Cury e Thomas Gordon. Tais reflexões servem de base a uma segunda parte do trabalho de cariz mais prático, a qual é aqui sucintamente focada dado que a sua dimensão real de dezenas de páginas, foge dos moldes pretendidos.

Saúde

Nos dias que correm a maioria das pessoas está mais consciente de que a saúde representa muito mais do que estar livre de doenças (Straub, 2005).

São vários os factores que interagem para determinar a saúde, tome-se como exemplos, as condições sociais, os factores biológicos e os traços de personalidade (Straub, 2005).

Etimologicamente o vocábulo saúde é proveniente de uma antiga palavra alemã que é representada, em inglês, pelas palavras de *hale e whole*, as quais aludem a um estado de integridade do corpo (Straub, 2005).

A Organização Mundial de Saúde (citada, por Straub, 2005, p.23) definiu saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social, e não simplesmente como a ausência de doenças ou enfermidades”. Tal definição

contempla a saúde como um estado multidimensional e positivo que abarca três esferas, concretamente, a saúde física, saúde psicológica e saúde social (Straub, 2005).

Os Três Domínios da Saúde

Tendo em linha de conta a definição de saúde atrás referida, é então possível falar-se em três domínios da saúde.

No concernente à saúde física, esta implica ter um corpo livre de doenças e vigoroso, com um bom desempenho cardiovascular, sentidos aguçados, capacidade para resistir a ferimentos físicos e sistema imunológico vital. Também compreende os hábitos relacionados com o estilo de vida que conduzem ao aumento da saúde física. Tome-se como exemplo, seguir uma dieta nutritiva, fazer regularmente exercícios, dormir bem, evitar o uso de tabaco ou outras drogas, praticar sexo seguro e minimizar a exposição a produtos químicos tóxicos (Straub, 2005).

A saúde psicológica é respeitante ao ser-se capaz de pensar de modo claro, ter uma boa auto-estima e um senso geral de bem-estar. Inclui ainda a criatividade, as habilidades de resoluções de problemas (informar-se sobre questões ligadas com a saúde) e a estabilidade emocional (desenvolvimento de competências emocionais). Pode-se ainda mencionar a auto-aceitação, abertura a novas ideias e uma perseverança geral na personalidade (Straub, 2005).

A saúde social implica ter boas habilidades interpessoais, relacionamentos significativos com amigos e família, e apoio social em tempos de crise. Relaciona-se ainda com factores socioculturais em saúde, tais como, o status socioeconómico, a etnicidade, o género, a cultura e a educação (Straub, 2005).

É necessário ter em linha de conta que cada domínio da saúde é influenciado pelos outros dois domínios, havendo uma interdependência. A título exemplificativo uma pessoa emocionalmente estável com boas qualidades de resolução de problemas (saúde psicológica), provavelmente terá mais facilidade em estar em relacionamentos sociais saudáveis (saúde

social) do que uma pessoa depressiva com dificuldade para se concentrar no problema em questão.

Explanados os três domínios da saúde, é possível asseverar que a temática deste trabalho está mais intrincada com os domínios da saúde psicológica e social, todavia, é importante não esquecer que os domínios não são estanques isolados.

Sendo assim é importante referir a perspectiva biopsicossocial (mente-corpo), segundo a qual “forças biológicas, psicológicas e sociais agem em conjunto para determinar a saúde e a vulnerabilidade do indivíduo à doença; ou seja, a saúde e a doença devem ser explicadas em relação a contextos múltiplos” (Straub, 2005, p.42).

Diferentes Estilos de Educação

A forma como os pais lidam com os filhos enquadram-se em diferentes padrões de práticas educativas, sendo possível, segundo a terminologia de Gleitman (2002) encontrar três, concretamente, autocrático, permissivo e autoritário-recíproco.

No padrão autocrático os pais controlam rigorosamente os filhos, e várias vezes, com severidade. As regras impostas são principalmente leis cuja infracção dá lugar a punições severas, muitas vezes físicas. As regras não são explicadas, tendo que ser aceites como uma manifestação rígida do poder paternal, ou seja, exercem quase de forma literal o poder paternal. As crianças educadas de acordo com este padrão revelam-se pouco comunicativas, carecem de independência, mostram-se mais irritadas e desobedientes e desenvolvem medo pelos pais invés de respeito (Gleitman, 2002).

No pólo oposto, existe o padrão permissivo em que as interdições são poucas e ainda menos as direcções. Os pais tentam não vincar a sua autoridade, impõem poucas restrições e controlo, tendem a não estabelecer prazos, horários e raramente usam castigos. As exigências aos filhos são poucas quanto aos deveres, por outras palavras quase que abdicam do poder paternal. Curiosamente, as crianças cuja educação se pautam por este padrão apresentam características semelhantes às educadas por pais autocráticos, ou seja, as crianças não eram particularmente independentes e, os rapazes tinham

uma maior propensão para se zangarem, para além de serem mais imaturos e irresponsáveis socialmente (Gleitman, 2002).

Por fim, o padrão autoritário-recíproco, em que os pais exercem o seu poder, porém, também aceitam a obrigação recíproca de se acomodarem ao ponto de vista da criança e às suas exigências razoáveis. Contrariamente, dos pais permissivos, mandam; ao contrário dos pais autocráticos, tentam dirigir com o consentimento dos súbditos. Os pais deste terceiro padrão estabelecem regras de conduta para os filhos e fazem-nas cumprir quando preciso. As exigências feitas são razoáveis, estabelecem deveres, esperam que os filhos se portem com maturidade, tendo em consideração a idade e passam um tempo considerável a ensinar os filhos a comportarem-se devidamente. Encorajam ainda a independência da criança e possibilitam o diálogo (Gleitman, 2002). Segundo alguns estudos os benefícios do estilo autoritário-recíproco abrangem os anos da escola secundária, onde este padrão educativo surge associado a melhores notas e a um melhor ajustamento social (Dornbusch et al., 1987; Steinberg, Elman & Mounts, 1989, citados por Gleitman, 2002).

Em conclusão, os filhos de pais autoritários são normalmente pouco sociáveis, pouco amigáveis e relativamente retraídos. Contrastando, os filhos de pais permissivos são imaturos, de humores inconstantes, com pouco autocontrolo e dependentes. Os filhos de pais autoritários-recíprocos desenvolvem boas relações sociais, são fáceis de gostar, independentes, colaborantes e autoconfiantes (Feldman, 2001).

Um aspecto interessante de se referir é que, segundo Robins (1966, citado por Gleitman, 2002) uma disciplina inconsistente na infância ou a ausência total de disciplina estão correlacionadas na idade adulta com a sociopatia.

Importante ainda aludir à distinção entre controlo autoritário e controlo firme. O primeiro tem uma carga de arbitrariedade e despoleta no filho comportamentos de submissão, passividade, medo e dependência. O controlo firme presume uma resposta contingente ao comportamento do filho e, nesta óptica, facilita neste um sentimento de controlo sobre o seu ambiente, impulsionando o sentimento de eficácia como divergente de impotência. De sublinhar que o controlo autoritário supõe uma atitude restritiva e punitiva, ao contrário do controlo firme que estimula no filho a individualidade, a independência, obediência e a responsabilidade social (Cruz, 2005).

Acrescentar acções calorosas às directrizes parentais aumenta a possibilidade de acontecer um comportamento obediente por parte da criança, enquanto que um controlo físico ou acções negativas amplia a possibilidade de vir à tona um comportamento desobediente.

As atitudes calorosas ao que tudo indica tornam as crianças mais receptivas à influência parental e reduzem a necessidade de utilizar comportamentos de índole punitiva (Kochanska & Aksan, 1995, citados por Cruz, 2005).

Concluindo, os comportamentos disciplinares são comportamentos complexos em que se distinguem três componentes, nomeadamente, a cognitiva, porque existe uma transmissão de uma mensagem, a afectiva, porque a relação entre pais e filhos é uma relação com intensa carga emocional, e motivacional, porque impulsionam de diversos modos a aprendizagem e manutenção ou eliminação de comportamentos (Cruz, 2005).

A Formação de Ambientes Saudáveis e de Relações Autênticas

Na óptica de Hohmann e Weikart (2004) um clima interpessoal é essencial para a aprendizagem activa, na medida em que esta essencialmente, um processo social interactivo.

Stanley e Greenspan (1985, citados por Hohmann & Weikart, 2004) através dos seus estudos concluíram que o apoio do adulto à vivência de experiências por parte da criança, experiências essas adaptadas à sua idade, é fulcral para o erigir de um ambiente social e emocional conducente à saúde mental e à capacidade de aprendizagem da criança.

O apoio atento e constante dos pais é decisivo no desabrochar das várias potencialidades dos filhos, tais como, crescer, aprender e criar um conhecimento prático do mundo físico e social (Hohmann & Weikart, 2004).

À semelhança dos adultos, as crianças e adolescentes têm talentos e interesses particulares. Num clima de apoio, as competências e os entusiasmos únicos dos adultos dão um maior colorido às suas interacções com as crianças e adolescentes, lançando as bases para relações autênticas que permitem a ocorrência de uma aprendizagem eficaz e honesta (Hohmann & Weikart, 2004).

Carl Rogers (1983, citado por Hohmann & Weikart, 2004, pp.83 e 84) refere que a autenticidade é

uma transparência visível no sujeito facilitador da aprendizagem, um desejo, de ser pessoa, de ter e de viver os sentimentos e pensamentos do momento. Quando esta veracidade inclui apreço, carinho, confiança, respeito pelo aprendiz, o clima para que haja aprendizagem fica fortalecido. Quando inclui um escutar sensível, não enviesado, empático, então existe de facto um contexto libertador, estimulante de aprendizagem, auto-iniciadas e de crescimento. Confia-se ao aluno o seu desenvolvimento.

Para finalizar, a própria atmosfera em casa, deverá servir para orientar um desenvolvimento espiritual, intelectual e emocional saudável nos filhos, na medida em que exerce uma influência sólida no seu temperamento, carácter e mentalidade (Dreikurs, 2001).

Nutrição Psicológica

A título introdutório e para um melhor entendimento do desenvolvimento deste tópico é útil clarificar o conceito de desempenho, o qual integra o título do artigo.

Na acepção da psicologia, o conceito de desempenho designa uma actividade manifesta num determinado contexto, a qual pode continuar muito aquém das potencialidades do sujeito. Sendo assim, pode opor-se aprendizagem e desempenho, visto que a aprendizagem remete para as capacidades adquiridas, enquanto que o desempenho é apenas a manifestação ocasional, não espelhando necessariamente as capacidades reais (Richelle, citado por Doron & Parot, 2001).

Tal facto levanta o pensamento de que o desempenho do aluno pode estar realmente muito distanciado das suas reais capacidades, podendo tal fosso ser diminuído com ajuda dos pais, por meio de relações transmissoras de confiança.

Sendo assim, com o intuito de aumentar o desempenho do filho enquanto aluno e enquanto ser com múltiplas dimensões, os pais devem providenciar aos filhos uma nutrição psicológica saudável aos mesmos.

Pimentel (2005) parte da visão que o desenvolvimento emocional e social saudável é fruto de um conjunto de aprendizagens informais proporcionadas pelos pais, e formais que ocorrem na escola. Por conseguinte, se no desenvolvimento emocional a nutrição psicológica da criança for consistente, haverá uma consolidação forte, saudável e criativa da auto-estima, assim como do conceito de imagem e de imagem corporal. A nutrição psicológica é um processo mais lento que o orgânico, na medida em que depende dos pais que oferecem alimentos psicológicos, tais como amor, respeito, atenção, confiança, incentivo, escuta, apoio, e meios de aprendizagem voltados para a autonomia. As crianças orientadas para crescer psicologicamente saudáveis são alimentadas por indicações familiares e sociais proficuas para o desenvolvimento (Pimentel, 2005).

Como diria Dreikurs (2001, p.4) relativamente ao desenvolvimento dos filhos, “o seu desenvolvimento adequado depende do amor dos pais, [pois] a personalidade da criança precisa de retirar desse amor a força e o ímpeto necessários para o seu desenvolvimento harmonioso”.

Relação entre as Ideias e Comportamentos Parentais e os Resultados nos Filhos

Segundo Cruz (2005), no concernente ao nível de realização académica das crianças, este parece relacionado com certas variáveis cognitivas dos pais, concretamente, o baixo nível de atitudes punitivas, alto nível de expectativas de sucesso e atribuições de esforço (mais do que a tónica na capacidade inata) para o sucesso da criança, crenças progressistas e valores de autodirecção em contraposição às crenças autoritárias e valores de conformismo, e atribuição de um papel passivo ao filho em situações de aprendizagem de pendor académico e de um papel activo em situações reguladoras do comportamento social.

Ao falar-se em alto nível de expectativas de sucesso, torna-se oportuno aludir à profecia de auto-realização, conceito proveniente da psicologia social,

em que os filhos se comportam de maneira a confirmar as expectativas dos pais, o que vai servir de reforço a essas mesmas expectativas. Muitas das cognições parentais são automáticas e não funcionam num patamar consciente ou acessível à consciência (Grusec, Rudy & Martin, 1997, citados por Cruz, 2005). As atribuições parentais, quando expressas, para além de influírem no comportamento e emoções parentais, podem também influenciar a visão que os filhos têm sobre o que são e sobre como devem agir, visto influenciarem a interiorização de valores e de imagens sobre si próprias (Cruz, 2005).

Um aspecto importante de se referenciar, é o facto da teoria da aprendizagem social apologizar que os pais podem funcionar como modelos de realização e identificação, concretamente, a nível social, profissional e escolar, modelos estes que vão sendo interiorizados pelas crianças de modo mais ou menos consciente (Cruz, 2005).

Na perspectiva de Elias e Ubriaco (1986, citados por Cruz, 2005) o desenvolvimento sociocognitivo, assim como o ajustamento comportamental na sala de aula são duas medidas dos filhos, que diferenciam os quatro tipos de famílias definidas por estes eruditos, nomeadamente, a família calorosa, concordante, firme e desligada.

Na família calorosa, os pais declinam estratégias autoritárias e atitudes educativas autoritárias, e o filho transparece uma boa idoneidade de resolução de problemas sociocognitivos e um bom comportamento na sala de aula.

Já na família concordante, apesar de existirem igualmente ideias autorizadas, existem pequeno número de mensagens explícitas na propensão nortear o comportamento do filho; este é avaliado pelos professores como tendo baixo nível de autocontrolo, porém apresentando um bom nível de resolução de problemas sociocognitivos.

No tocante à família firme, os pais acreditam mais na utilização de reforços, punições e modelagem, e menos na experiência da criança como nascente de aprendizagem; portanto, existem sugestões claras e directas sobre aquilo que se pretende da criança/adolescente, declarando os pais o leme da situação; o filho aparenta estar bem adaptado à escola, com bom autocontrolo mas mostra algum oscilar emocional e algumas debilidades na resolução de problemas.

Por fim, na família desligada, o pai e a mãe apresentam crenças discordantes relativamente aos processos pelos quais os filhos se tornam

competentes; o filho transparece um comportamento adequado na sala de aula mas um nível baixíssimo de resolução de problemas (Cruz, 2005).

A perspectiva de Augusto Cury

O autor (Cury, 2000) lamenta que pais e filhos dividam o mesmo espaço físico e respirem o mesmo ar, mas estejam em mundos totalmente distintos sem pontes relacionais para uma educação saudável.

Grande parte dos pais tem dificuldades em dialogar com os filhos sobre temas conflituosos ou polémicos. Enquanto os pais não ganham coragem para fazê-lo, os filhos aprendem com outras pessoas, em qualquer outro local, como por exemplo, nas ruas ou nas escolas. O que pode levar a aprendizagens deturpadas; veja-se a situação das más companhias que, na escola, incentivam a faltar às aulas ou a ter comportamentos menos adequados. Tais influências terão sem margem para dúvidas peso no desempenho escolar.

“(...) os pais deveriam ser os primeiros professores dos jovens” (Cury, 2000, p.98), construindo relações de confiança com os filhos, pois se estes vislumbrarem serenidade, espontaneidade e confiança nos pais, seguramente, irão abrir as portas da sua inteligência e interiorizar conceitos que vão editar no inconsciente uma representação saudável.

Os pais devem-se primeiramente dar a si mesmos a conhecer aos filhos, a sua amizade, o seu carinho, a sua atenção, a sua sabedoria e a sua inteligência aos filhos, para depois impor reacções e limites, os quais não podem ser atentados à construção de uma relação saudável que se irá reflectir nas mais diversas esferas da vida da criança ou adolescente (Cury, 2000).

Cury (2005a) refere que não é saudável os pais darem demasiados presentes aos filhos, na medida em que estes psicoadaptam-se ao excesso de brinquedos, entrando num ciclo de consumo crescente, em que o prazer vai diminuindo.

Na sua obra *Pais brilhantes, professores fascinantes*, Cury (2005b) faz uma distinção ao longo de sete hábitos entre os bons pais e os pais brilhantes:

- Os bons pais dão presentes, os pais brilhantes dão o seu próprio ser;

- Os bons pais alimentam o corpo, os pais brilhantes alimentam a personalidade;
- Os bons pais corrigem os erros, os pais brilhantes ensinam a pensar;
- Os bons pais preparam os filhos para os aplausos, os pais brilhantes preparam os filhos para os fracassos;
- Os bons pais conversam, os pais brilhantes dialogam como amigos;
- Os bons pais dão informação, os pais brilhantes contam histórias;
- Os bons pais dão oportunidades, os pais brilhantes nunca desistem;

A perspectiva de Thomas Gordon

As informações aqui resumidamente apresentadas são provenientes do *parent effectiveness training* (PET), o qual se tornou um difundido programa para os pais aprenderem competências que os ajudam a prevenir problemas e a estabelecer pontes relacionais saudáveis. “As competências neste livro permitem aos pais ajudar os filhos a desenvolverem a sua maturidade, a tornarem-se mais saudáveis, felizes e afectuosos” (Gordon, 1998, p.XIX).

Gordon (1998) estabeleceu uma distinção entre linguagem de não-aceitação e linguagem de aceitação. A primeira revolta os filhos ao ponto destes deixarem de partilharem os sentimentos que lhe assolam com os pais. A linguagem de aceitação torna os jovens mais abertos, levando-os a partilharem os seus sentimentos e problemas. “Quando uma pessoa sente que é verdadeiramente aceite por uma outra, tal como é, liberta-se e está pronta para começar a pensar sobre o quer mudar (...), como poderá tornar-se diferente, como poderá tornar-se mais naquilo que é capaz de ser” (Gordon 1998, p.31).

Quando as crianças vivenciam um problema, os pais, normalmente, prestam ajuda através de boas intenções, as quais criam, por vezes, mais problemas do que aqueles que resolvem e dificultam o processo de comunicação por parte da criança que vive o problema (GATF, 1997).

Por conseguinte, Gordon (1998) enumerou 12 categorias diferentes nas quais se integram as respostas dos pais, as quais constituem obstáculos para a comunicação. Importante ressaltar que estas 12 tentativas de ajuda típicas apenas são problemas quando a criança está a passar por um problema; quando o relacionamento se encontra numa área sem problema, muitos dos obstáculos perdem tal conotação, funcionando como adequados e produtivos (GATF, 1997).

Quando os pais dizem alguma coisa ao filho, dizem muitas vezes algo sobre ele, daí “cada vez que falamos com um filho, acrescentamos mais um tijolo para a definição da relação que se está a construir entre os dois” (Gordon, 1998, p.48). Cada mensagem acaba por passar à criança alguma coisa sobre o que pensamos dele, contendo mais conteúdo do que se imagina, como se irá ver aquando da referência aos 12 obstáculos. Sendo assim, falar pode ser construtivo para a criança e para o relacionamento, ou pode ainda ser aniquilador.

As 12 categorias são concretamente (GATF, 1997):

1. Dar ordens ou instruções, impor regras – comunica um sentimento de não aceitação ou má avaliação da criança; desliga a responsabilidade da criança; fomenta a resistência, comportamento de efeito contrário.
2. Ameaçar, admoestar, avisar – passa um sentimento de não aceitação; pode ocasionar o medo, a submissão; desafia a testar as consequências da ameaça; pode conduzir ao ressentimento, raiva e afastamento.
3. Dar lições de moral, pregar sermões – Origina sentimentos de obrigação ou de culpa; pode levar o filho a uma posição defensiva; conduz ao afastamento, à alienação, ou à rejeição das lições de mora.
4. Dar conselhos, sugestões ou apresentar soluções – Pode passar a ideia de que o filho não é capaz de solucionar os seus próprios problemas; coíbe a criança de pensar sobre um problema, pensar nas soluções alternativas, e tentar concretizá-las; pode surgir a dependência ou resistência
5. Argumentar, ensinar, utilizar a lógica – Desperta na criança uma postura defensiva e a contra-argumentos; o filho pode-se cansar

- de ouvir os pais; pode culminar em sentimentos de inferioridade, inadequado
6. Criticar, julgar, culpabilizar, discordar – Transmite a ideia de incompetência, estupidez, falta de maturidade; Faz um corte na comunicação devido ao receio que o filho tem de juízos negativos ou repreensões
 7. Elogiar, concordar – indica altas expectativas por parte dos pais e possível avaliação futura; pode ser entendido como condescendência ou manipulação, para encorajar um comportamento desejado; pode desembocar ansiedade, em casos que a percepção que o filho tem de si próprio não condiz com o elogio dos pais
 8. Rotular, ridicularizar, envergonhar – o filho poderá sentir-se sem mérito e não amado; a auto-imagem corre o risco de se estilhaçar; pode desencadear retaliação verbal
 9. Interpretar, analisar, diagnosticar – pode ser encarado como ameaçador e frustrante; a criança corre o risco de se sentir apanhada, exposta ou desacreditada; devido aos receios de distorção ou de se expor, a criança controla-se para não comunicar
 10. Tranquilizar, reafirmar, ter pena, consolar, apoiar – gera incompreensão no filho, suscitando fortes sentimentos de hostilidade; desperta fortes sentimentos de hostilidade
 11. Questionar, interrogar, pôr à prova – com receio das críticas ou soluções, pode levar filho a mentir, bem como, a torna-se ansioso ou medroso, e também esquecer-se a si para responder a perguntas provenientes das preocupações dos pais
 12. Evitar, distrair, gracejar, ignorar – pode construir no filho a ideia de que as dificuldades da vida não são para resolver, mas sim evitar; pode levar o filho a pensar que os pais desvalorizam os seus problemas, impedindo-a de falar abertamente, quando está no meio de uma tribulação

No pólo oposto existe a competência de escuta activa, a qual é segundo Gordon (1998) a mais eficaz, abrindo caminho para a comunicação. Na escuta activa o receptor tenta sintonizar o que sente o emissor ou o que ele quer dizer com a sua mensagem. Depois, formula a sua compreensão, por palavras suas,

e devolve-a ao emissor para verificação. Ou seja, o pai faz o feedback de apenas aquilo que pensa que a mensagem do emissor significa.

Segundo Gordon (1998) a mentira, ou esconder os sentimentos é corolário dos efeitos do poder paternal nos filhos. “ Sem exceção, todas as crianças que eu observei em situação de terapia e cujos pais utilizaram uma grande dose de recompensas e castigo, revelaram que tinham mentido muito aos pais” (Gordon, 1998, p.190).

Resta relembrar que os contributos de Augusto Cury e de Thomas Gordon para os relacionamentos entre pais e filhos são muito mais vastos e ricos do que esta breve exposição dos conceitos centrais da visão dos autores.

Estudo empírico

Metodologia Utilizada

Numa primeira etapa recorreremos ao método documental, para fazer uma revisão bibliográfica que servisse de suporte para uma fase de cariz mais empírico, na medida em que algumas das perguntas presentes no questionário foram concebidas tendo por base as tipologias e teorias defendidas por alguns autores.

Pretendemos complementar esta investigação teórica com um trabalho prático. Com isto almejava-se analisar possíveis diferenças na relação entre os filhos e pais e verificar se elas tinham alguma correspondência com a média escolar do aluno.

Instrumentos

Com vista a estudar a *Relação Pais/Filhos Como Variável Mediadora do Desempenho Escolar*, recorreu-se ao método de Inquérito, para o que construímos um questionário para os filhos e outro para os pais.

A construção do questionário foi feita de modo a obter informação que possibilitasse correlacionar diversas variáveis, como por exemplo, a caracterização familiar a nível da sua constituição, idades, habilitações literárias e profissões, de modo a poder estudar a possível influência destas no desempenho escolar dos educandos.

O questionário era constituído por perguntas abertas e perguntas fechadas, apelando na maioria dos casos à reflexão dos filhos sobre os comportamentos que os seus pais têm para com eles e vice-versa. Por outro lado, pretendíamos que tanto os pais como os filhos sentissem que se dava importância às suas reflexões e sentimentos numa área tão delicada como é o caso das relações parentais. De se referir que as respostas às perguntas de carácter aberto, foram agrupadas em categorias tendo por base o conteúdo, no sentido de facilitar o seu tratamento e exposição.

O questionário dos filhos era constituído por 14 perguntas, enquanto que o dos pais apenas continha 8.

Amostra

A escola contactada para abraçar este projecto, foi a Escola Secundária D. João II, em Setúbal de que obtivemos a autorização necessária para desenvolvermos o nosso trabalho. A escola lecciona do 7º ao 12º Ano.

Foram-nos dedicadas duas turmas do 7º Ano, num total de 45 alunos, visto estas terem no seu programa curricular a disciplina de *Estudo Acompanhado*, na qual seria mais fácil obter a colaboração dos professores, não *roubando* desta forma tempo que noutras disciplinas seria mais necessário devido às exigências programáticas.

Procedimento

No total das duas turmas, foram aplicados 45 questionários aos alunos presentes na aula, no dia 4 de Maio (Tabela 1). Os alunos levaram ainda para casa os questionários respeitantes aos pais, ficando marcada a recolha dos mesmos para o dia 8 de Maio de 2006. Ao contrário do que se esperava, apenas 12 alunos trouxeram os questionários respondidos pelos encarregados de educação. Tal facto pode ser desde logo indicador de várias possibilidades, tais como, recusa, esquecimento, falta de tempo, falta de vontade, etc.

Os questionários estavam numerados de modo a que se pudesse depois associar os dos filhos aos dos encarregados de educação.

O facto surpreendente de no dia 8 de Maio de 2006 terem sido poucos os alunos a entregar os questionários dos encarregados de educação levou a uma adaptação da forma como se iria trabalhar a informação recolhida.

Sendo assim, o caminho de análise escolhido passou por analisar, separadamente, os 33 questionários dos alunos que não entregaram os questionários dos encarregados de educação; e por analisar e relacionar os 12 questionários dos alunos e os 12 questionários dos respectivos encarregados de educação.

A análise dos dados foi feita aos alunos com média escolar de dois, três, quatro ou cinco, no segundo período do ano lectivo 2005/2006, procurando realçar o que é mais comum nos alunos com determinada média.

Antes de passarmos à apresentação dos dados obtidos, é importante sublinhar que estes estão sujeitos a diversas condicionantes.

Condicionantes dos Pais Enquanto Fonte de Informação

Nos questionários foram colocadas questões aos pais sobre como se comportam actualmente com os filhos, apelando à capacidade de introspecção e de descrição dos pais.

Para Maccoby e Martin (1983, citados por Cruz, 2005) os questionários estão sujeitos a críticas relativas à fidelidade e à validade de informação que possibilitam recolher, visto que se baseiam nas competências dos pais para se auto-analisarem e descreverem os seus próprios comportamentos.

O envolvimento dos pais nem sempre permite o distanciamento desejado a uma análise e descrição completa e objectiva dos comportamentos. Por outro lado, nem todos os pais dispõem de idoneidades linguísticas necessárias à interpretação das questões escritas e à produção verbal das suas respostas, por mais cuidado que o investigador tenha com os vocábulos usados. As competências linguísticas podem balizar ou mesmo deturpar os conteúdos que os pais pretendem transmitir (Cruz, 2005).

Outro ponto que pode influir na validade da informação recolhida é a deseabilidade social, ou seja, aquilo que é um padrão tido como correcto numa determinada sociedade, seja porque faz parte da cultura dominante, seja porque condiz com a mensagem transmitida pelos especialistas da educação seja com a dos meios de comunicação. Os pais preocupam-se sempre em passar uma boa imagem de si próprios (Cruz, 2005).

Condicionantes dos Filhos Enquanto Fonte de Informação

No tocante aos filhos enquanto fonte de informação e segundo Cruz (2005), são utilizados habitualmente questionários cujos conteúdos recaem sobre os estilos educativos dos pais, obtendo-se assim as representações ou percepções que os filhos construíram relativamente aos pais enquanto figuras de autoridade ou figuras de afecto.

Os questionários aplicados aos filhos também podem sofrer influências de outras variáveis, como por exemplo a possibilidade dos filhos terem receio de que as respostas sobre os comportamentos dos pais sejam descobertas por estes, ou a vontade de deixar transparecer aos outros um bom relacionamento com os seus pais.

Dados recolhidos

A extensão das páginas de gráficos e tabelas constantes do trabalho impede a sua colocação neste artigo. Por isso será apenas dada uma panorâmica dos dados recolhidos através da apresentação das tabelas referentes à distribuição da amostra por idades e por sexo e às da percepção dos filhos em relação a contarem a verdade aos pais e destes em relação aos filhos lhes contarem a verdade, apresentando-se nas conclusões alguns dos principais resultados obtidos.

Tabela 1 - Distribuição da amostra por idades e sexos

Idade	Masculino	Feminino
12	6	9
13	8	9
14	3	3
15	2	3
16	1	0
17	1	0
Total	21	24

Tabela 2 – Percepção dos filhos em relação a contarem a verdade aos pais

Contas a verdade aos teus pais	Frequência de resposta	Percentagem
1	0	0%
2	0	0%
3	3	50%
4	3	50%
5	0	0%
Total	6	100%

Tabela 3 – Percepção dos pais sobre se os filhos lhes contam a verdade

Contas a verdade aos teus pais	Frequência de resposta	Percentagem
1	0	0%
2	0	0%
3	1	17%
4	1	17%
5	4	67%
Total	0	100%

A Tabela 1 indica-nos que a maioria dos alunos inquiridos eram do sexo feminino e tinham 12 ou 13 anos de idade.

As tabelas 2 e 3 evidenciam uma diferença razoável do que os filhos contam aos pais e do que os pais acham que os filhos contam, na medida em que 100% dos filhos se dividiram entre as categorias três e quatro, e os pais em 67% escolheram a categoria cinco. Tais dados não indicam que o filho mente, todavia, permitem equacionar que apesar dos pais acharem que o filho contou toda a verdade, este não o tenha de facto feito. Por seu turno, permite abrir horizontes à reflexão, no tocante aos tipos de relações parentais que estão a ser (ou não) construídas e às consequências que daí advêm.

Conclusões

Partindo de uma noção de saúde que contempla a esfera física, psicológica e social, desenvolveu-se todo um trabalho empírico com educandos e alguns dos seus progenitores em que importa fazermos luz sobre as principais conclusões:

- Os encarregados de educação dos alunos inquiridos com média de dois possuem na sua maioria (52,4%) uma escolaridade entre o 5º e 9º ano; regista-se ainda quatro respostas (19%) de desconhecimento sobre o nível de escolaridade dos encarregados de educação;
- O grosso dos educadores dos alunos inquiridos com média de três tem uma escolaridade compreendida entre o 5º e 9º ano (42,1%) e o 10º e 12º (31,6%); 15,8% dos alunos revelaram ainda desconhecer as habilitações literárias de alguns dos seus pais.
- Face a uma pergunta fechada que pedia aos alunos com média de dois para se situarem positiva ou negativamente face ao comportamento dos pais influenciar o seu rendimento, houve uma divisão equitativa das 14 respostas. Regista-se então que 50% dos alunos acredita que a forma como os pais lidam com eles influencia o seu rendimento escolar, enquanto que os outros 50% não. Sublinhamos tratar-se de um resultado surpreendente pois não esperávamos um número tão elevado de respostas negativas, o que levanta várias hipóteses, tais como o receio de responder positivamente ou então o locus de controlo interno dos alunos; nos alunos com médias superiores surgem igualmente de forma surpreende algumas respostas que não atribuem peso ao comportamento dos pais como influência;
- Vários alunos justificaram não contar a totalidade dos factos aos seus pais por receio das reacções;
- 36% dos alunos com média de dois não estão satisfeitos com a relação estabelecida com os seus pais, valor esse que tendia a diminuir nos alunos com médias superiores, nomeadamente 15% para a média de três, 0% para média de quatro e de cinco.

No fundo o debruçar sobre as conclusões fez-nos sentir surpresos pelo facto de alguns alunos atribuírem pouca importância ao impacto que as relações parentais têm no seu sucesso escolar; por outro lado, apesar de uma satisfação geral nas relações que estabelecem com os seus pais, fomos *alertados* por um grito silencioso de desejo por parte dos filhos para os pais confiarem mais neles, serem mais compreensivos, gerando desta forma menos discussões.

Na recta final deste artigo gostaríamos que este possa servir de inspiração a pesquisas futuras, ao mesmo tempo que serve de mote de reflexão, devido a uma crescente necessidade de lapidar o diamante que é a relação pais/filhos, até porque como refere Dreikurs (2001) a futura ordem social é influenciada pela educação das crianças de hoje.

Referências Bibliográficas

- Cruz, O. (2005). *Parentalidade*. Coimbra: Quarteto
- Cury, A. (2000). *A pior prisão do mundo*. Lisboa: Paulinas
- Cury, A. (2005a). *Nunca desista dos seus sonhos*. Cascais: Editora Pergaminho
- Cury, A. (2005b). *Pais brilhantes, professores fascinantes*. Cascais: Editora Pergaminho
- Doron, R. & Parot, F. (2001). *Dicionário de Psicologia*. Lisboa: Climepsi Editores
- Dreikurs, R. (2001). *Educação: um desafio aos pais*. Amadora: McGraw-Hill
- Feldman, R. (2001). *Compreender a psicologia*. (5ª ed.). Amadora: McGraw-Hill
- GATF (1997). *Programa de eficácia parental*. [Manual de Apoio]. Lisboa: autor.
- Gleitman, H. (2002). *Psicologia*. (5ªed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Gordon, T. (1998). *Eficácia na educação dos filhos*. Lisboa: Encontro Editora
- Hohmann, M. & Weikart, D. (2004). *Educar a criança*. (3ªed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian
- Pimentel, A. (2005). *Nutrição psicológica: Desenvolvimento emocional infantil*. São Paulo: Summus Editorial
- Straub, R. (2005). *Psicologia da Saúde*. Porto Alegre: Artmed Editora